



Paradigma indiciário em *Vícios Sociaes Elegantes*:

Nota introdutória

O texto propõe uma análise da concretização da toxicomania como patologia no âmbito da medicina científica brasileira no início do século XX. A proposta é estabelecer possíveis aproximações entre o método empregado por dois médicos do Rio de Janeiro em 1924 ao delinear os sintomas das toxicomanias que assolavam a sociedade brasileira e o paradigma indiciário, modelo epistemológico característico da disciplina médica. Partindo das reflexões que o historiador italiano Carlo Ginzburg expôs em seu texto “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, pretende-se investigar a forma como os dois psiquiatras brasileiros deduziram e versaram a respeito da patologia sobre a qual se dedicavam. Ao exporem o que eles consideravam serem indícios clínicos da toxicomania, Pernambuco Filho e Adauto Botelho produziram uma narrativa sobre os significados da nova doença. De maneira semelhante, o historiador busca em sua obra indícios que permitam a reconstituição histórica da forma de pensar de parte da sociedade brasileira que se dedicava a questão dos entorpecentes no período em que houve a emergência da criminalização de seus componentes em âmbito federal.

Sobre a pertinência dessa aproximação vale mencionar que, por um lado, “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” é o texto que eu deveria apresentar no seminário antes da greve ser deflagrada. Por outro, *Vícios Sociaes Elegantes* é uma das obras mais relevantes produzidas por médicos sobre os usos de tóxicos na época do advento de suas criminalizações, tema ao qual me dedico na pesquisa de doutorado.

Sinais: raízes de um paradigma indiciário.

O livro *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*, lançado em 1986, é uma coletânea de sete ensaios escritos por Carlo Ginzburg entre 1961 e 1984 que reúne reflexões centrais para o campo da história e das ciências humanas em geral. Um dos mais impactantes textos certamente é “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. Nele, Ginzburg demonstra a emergência de um modelo epistemológico que não surge no âmbito das ciências humanas no final do século XIX. Para tanto o autor enfoca na analogia entre o crítico de arte Giovanni Morelli, o personagem



de Conan Doyle, Sherlock Holmes, e Freud. Uma das justificativas para tal escolha se deve ao fato dos três autores terem tido formação médica e, como consequência, terem impresso em seus métodos o modelo da semiótica médica. A partir desses autores Ginzburg explica como, no final do século XIX, começou a se esboçar um paradigma indiciário nas ciências humanas baseado nessa semiótica. Esse ponto da obra de Ginzburg é particularmente importante para as reflexões que se pretende incitar no presente texto.

Primeiramente o autor discorre sobre o método desenvolvido por Morelli no fim do século XIX para atribuir a autoria das obras de arte de maneira correta. Diante do problema de identificação da autoria dos quadros, sua ideia foi não se basear nas características mais vistosas e portanto mais imitáveis, mas sim analisar os pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados pelas características da escola de arte ao qual o autor pertencia. O método de buscar indícios que denunciasses a autoria das obras foi comparado algumas vezes com o trabalho investigativo criminal. Ginzburg cita pelo menos dois casos: Wind afirmou que os livros de Morelli continham “registros de minúcias características que traem a presença de determinado artista, como um criminoso é traído pelas suas impressões digitais... qualquer museu de arte estudado por Morelli adquire imediatamente o aspecto de um museu criminal”. Já Castelnuovo ia um pouco além nessa aproximação afirmando que o “conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria”. Método esse atribuído quase naqueles mesmos anos a Sherlock Holmes através de seu criador Arthur Conan Doyle.¹

De acordo com Morelli a personalidade do autor deveria ser procurada justamente onde o esforço pessoal é menos intenso. Nesse ponto Wind esboçou uma outra aproximação, dessa vez com a psicologia moderna que, segundo ele, tomava os pequenos gestos inconscientes como mais revelantes sobre o caráter do indivíduo do que qualquer atitude formal. De fato Freud reconheceu mais de uma vez a influência do método de Morelli em relação à técnica da psicanálise médica uma vez que esta também tem “hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou desapercibidos, dos detritos ou 'refugos' da nossa observação”.² De acordo com Ginzburg, interessava a Freud o método interpretativo centrado nos resíduos, dados marginais considerados reveladores. Assim, os pormenores considerados sem importância forneciam a chave para aceder aos “produtos mais elevados do espírito humano”. De maneira semelhante, para Morelli, esses dados marginais constituíam justamente os momentos em que o controle do artista ligado a

¹ E. Wind, *Arte e anarquia*, Milão, 1972, pp. 52-7, 166-8 e E. Castelnuovo, “Attibution”, em *Encyclopedia universalis*, vol. II, 1968, p. 782. Cf Carlo Ginzburg, *Mitos, emblemas e sinais*, São Paulo, 1989, p.145.

² S. Freud, *Il Mosè di Michelangelo*, Turim, 1976, pp. 36-7. Cf. Carlo Ginzburg *op cit* p. 147.



tradição cultural distendia-se para dar lugar a traços puramente individuais “que lhe escapam sem que ele se dê conta”. Ou seja, há uma identificação do núcleo íntimo da individualidade artística como elementos subtraídos ao controle da consciência.

No empenho de estabelecer uma analogia entre a metodologia do crítico de arte Morelli, o detetive Sherlock Holmes e o psicanalista Freud, Ginzburg revela que todos possuem formação médica e nesse ponto reside uma importante pista sobre a origem comum de seus métodos. Tratava-se justamente do paradigma indiciário, consagrado na medicina e que se firmava nas ciências humanas durante aquele momento. “Nos três casos, pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)”.³ Em todos pode ser notada a semiótica médica que permite diagnosticar doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais que às vezes são irrelevantes diante do olhar leigo. De acordo com Ginzburg, no final do século XIX, mais precisamente entre as décadas de 1870 e 1880, “começou a se firmar nas ciências humanas um paradigma indiciário baseado justamente na semiótica”.⁴

A penetração do paradigma indiciário ou semiótico nos mais variados âmbitos cognoscitivos modelaria profundamente as ciências humanas. Do ponto de vista da história, Ginzburg ressalta o prevaletimento da perspectiva semiótica. Diante da constatação de que a realidade – ou nesse caso, especificamente o passado – é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. Isso fez com que minúsculas particularidades paleográficas fossem empregadas como pistas que permitem reconstituir trocas e transformações culturais. Indícios mínimos foram “assumidos como elementos reveladores de fenômenos mais gerais: a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade”.⁵

Vicios Sociaes Elegantes: a prática médica

A busca pelo pensamento acerca da emergência da patologização do uso de entorpecentes no início do século XX no Brasil leva o historiador a encontrar, sem dificuldades, *Vicios Sociaes Elegantes*, uma das mais importantes obras sobre o tema lançada em 1924. Se esse mesmo historiador estiver impactado reflexões propostas por Ginzburg não pode deixar de

³ Carlo Ginzburg *op cit* p. 150.

⁴ *Idem.* p. 151.

⁵ *Idem.* p. 178.



reconhecer, nas linhas desse livro, o método indiciário próprio de uma medicina semiótica como a psiquiátrica.

A obra de Pedro José de Oliveira Pernambuco Filho e Aduino Junqueira Botelho é considerada a mais importante referência sobre tóxicos no período, o livro de 156 páginas versa sobre o que os médicos consideravam os principais elementos que envolviam a emergente problemática do uso de tóxicos. Ao discorrerem sobre os vícios causados pelas diferentes substâncias, os médicos utilizavam como exemplos, pacientes internados no Sanatório Botafogo, instituição fundada pelos próprios autores em 1921, ano da institucionalização da medicalização dos toxicômanos.⁶

Durante esse período, Pernambuco Filho e Aduino Botelho eram docentes da Faculdade Nacional de Medicina e assistentes de clínica psiquiátrica do Hospício Nacional.⁷ Ambos vivenciaram o cotidiano do Pavilhão de Observação e, pelo menos em alguns casos, o próprio Aduino Botelho realizava exames nos pacientes. Certamente os médicos conheciam as histórias dos suspeitos de toxicomania que chegavam ao Pavilhão, o que justifica a semelhança entre as histórias mencionadas no livro e os casos encontrados nos registros clínicos da instituição. Por um lado, é possível afirmar que a prática clínica dos médicos nessa instituição serviram de referencial para que eles elaborarem suas ideias sobre as toxicomanias. Por outro, *Vícios Sociaes Elegantes* se tornou referência e seu tom didático, dando a impressão de um manual deve ter norteado diversos outros psiquiatras naquele período. Isso significa que as teses do livro, baseadas na psiquiatria europeia, nas teorias eugenistas e nos pacientes do Sanatório e do Pavilhão, provavelmente orientaram a atuação de outros psiquiatras, incluindo aqueles que examinaram os suspeitos que chegavam ao Pavilhão nos anos que se seguiram.

Um dos tóxicos mais destacados pelos autores era a cocaína. De acordo com eles o uso do alcaloide tinha forte conexão com a sociabilidade do meretrício, estimando que cerca de dois terços das prostitutas do Rio de Janeiro faziam uso do tóxico. Não exigindo aparelhos especiais para ser introduzida ao organismo, a poderosa rival da morfina viciava “indivíduos reflexos”, aqueles que carecendo de forte personalidade, viviam de imitações. Os médicos se mostravam especialmente preocupados com a sua disseminação através da classe baixa e afirmavam que ela era de contágio fácil no mundo chic, entre os depravados, as baixas classes, os intelectuais, das

⁶ PERNAMBUCO FILHO, Pedro José de Oliveira; BOTELHO, Aduino. *Vícios Sociaes Elegantes*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924.

⁷ FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, Ciências, Saúde Manguinhos* [online]. 2010, vol.17, suppl. 2, pp. 527-535



“famílias de acatamento” até “as gentes da vida alegre”. “Pósinho branco”, “pó celeste”, “pó da vida”, “pó maravilhoso”, “odor de femina”, “fubá mimoso” e, pelas exigências chics do vício, o “francezinho dissonante – coco”.⁸

Para inferir todos esses sentidos e significados da sociabilidade e dos usos relacionados à cocaína, os médicos se valiam das pistas, indícios acumulados nos anos de trabalho clínico que eram expostos em suas narrativas como forma de explicitar o método investigativo e, ao mesmo, comprovar e legitimar suas suposições a respeito daquele uso. Descreviam os sinônimos pelos quais o tóxico era popularmente conhecido, os hábitos e ambientes de consumo, bem como os aspectos físicos e psicológicos comuns aos cocainômanos como perfuração do septo nasal, a linguagem específica, os trejeitos e até mesmo tics como o friccionar frequente da parte externa das narinas. Todos esses indícios clínicos, pistas que os conduziam a formularem a respeito daquilo que não era imediatamente identificável. Esses sinais que os pacientes deixavam escapar, denunciando a si mesmos, significava para os médicos as tais zonas privilegiadas que permitiam a formulação do diagnóstico. Assim, produziam não apenas os diagnósticos como também uma narrativa sobre comportamentos e patologias que não podiam visualizar concretamente. Mais do que isso, ao construir uma narrativa a respeito do método de identificação dos toxicômanos, os médicos inferiam sentidos a essas pessoas e suas práticas e, nesse sentido, também produziam um discurso e uma história dos mesmos.

A relação próxima destes autores com o Pavilhão, instituição de triagem, ensino e pesquisa, sugere que suas ideias a respeito da cocainomania e de outras toxicomanias estiveram circulando, influenciando e também sendo construídas naquele espaço antes e depois da publicação de *Vícios Sociaes Elegantes*. É provável que essas ideias pré estabelecidas tenham enviesado o olhar dos médicos que efetivavam o exame em busca de indícios das toxicomanias. Os registros clínicos focados nessas histórias evidenciam que os médicos estavam estabelecendo alguns comportamentos e circuitos sociais como critérios que os ajudavam na definição e identificação da classe viciosa que deveriam medicalizar. No livro, os médicos descreviam detalhes da conduta dos viciados, raciocínio, as mentiras e até o orgulho com que alguns se referiam ao vício. Tanto a obra quanto os registros clínicos ao longo da década de 1920 mostram que os médicos foram concretizando a ideia de um “grupo de viciados” naqueles anos.⁹

⁸ PERNAMBUCO FILHO, Pedro José de Oliveira; BOTELHO, Adauto. *op cit.* p. 30.

⁹ A expressão foi utilizada por um médico em um registro clínico no fim daquela década. Livro de Observações Clínicas nº 301, p. 465.



Os toxicômanos formam uma verdadeira raça intelectual à parte, com uma degeneração psíquica especial; falsos nas suas promessas, mentirosos inteligentes e por cálculo, degradados morais que escondendo apenas no início o seu vício, têm gáudio pouco depois em proclamá-lo, mentindo em relação a sua dosagem habitual e aos meios de adquirir o tóxico como se isso lhes fosse um padrão de glória.¹⁰

Os médicos estabeleciam ideias gerais sobre os comportamentos e essas ideais, por sua vez, influenciavam o olhar clínicos para aqueles indícios considerados reveladores conforme pode ser notado através dos registros clínicos do Pavilhão de Observação onde eram avaliados os suspeitos de toxicomanias. Abílio, internado em março de 1924. Nele os médicos demonstravam atenção especial para sua linguagem e comportamento usados como forma de descobrirem qual o seu meio social. Partindo do princípio de que o uso de cocaína estava vinculado a uma determinada classe de pessoas, a identificação deste meio poderia ser decisiva para um diagnóstico positivo ou negativo para a patologia.

Entre os companheiros de tal toxicomania tem ele a alcunha de Jacaré Engomado, como explicativo do modo como se apresenta nas mesas de “cabarés”: corpo empinado, fisionomia seria, olhar firme e fixo... Refere-nos tais fatos, com certo ar prazenteiro e orgulho como se tal fora o prêmio justo ou o brasão glorioso, conquistados, com heroísmo, nas refregas do vício. Em sua linguagem especial, própria dos meios em que vive, cita frases da gíria como ‘ramble’, ‘marathona’, e outras tantas, em francês de alcouce.¹¹

Os médicos estavam atentos ao orgulho que Abílio tinha da vida que levava e de seu prestígio naquele meio. Essas características haviam sido apontadas por Pernambuco Filho e Aduino Botelho como própria dos viciados. *Vícios Sociaes Elegantes* também oferecia uma interpretação para a linguagem especial de Jacaré Engomado.

Muitas vezes se entregam dias seguidos ao culto exclusivo e ininterrupto do pó, sendo atacados de delírios e alucinações violentas, insônia e se abstém de alimentação. A esta bacchanal chamam “Marathona”. Para adquirirem a cocaína, vendem o que têm a qualquer preço, hipotecam bens, praticam chantages. Desprecupam-se das vestes e as mulheres, não raro, se prostituem, para conseguirem advenços necessários. Este período de abstinência forçada, temido por todos, é chamado na gíria de “rambles”. Momentaneamente suportam a

¹⁰ PERNAMBUCO FILHO, Pedro José de Oliveira; BOTELHO, Aduino. op. cit. p. 20.

¹¹ Livro de Observações Clínicas nº 270, p. 285.



falta com café bem forte, talvez pela ação da cafeína, mas, nunca se contentam.¹²

Provavelmente o conhecimento prévio dessa “linguagem especial” tenha sido o motivo pelo qual os médicos que examinaram Abílio deram tanta importância a esses aspectos na construção de seu diagnóstico. A constatação pressupõe que, para esses médicos, existia um grupo de pessoas que, assim como Abílio, frequentavam as “mesas de cabarés”. Essas pessoas possuíam linguagem própria que permitia sua identificação. A centralidade dessas características no exame de toxicomania do paciente indica que a identificação de Abílio como parte desse meio social era bastante relevante para seu diagnóstico de cocainomania.

O olhar da medicina sobre a toxicomania no Rio de Janeiro, início do século XX: a prática historiográfica.

Até aqui foi trabalhada um pouco da proposta por Ginzburg sobre o método indiciário tomando como um exemplo justamente uma obra de medicina semiótica. Que os psiquiatras se valiam dos indícios para definirem o diagnóstico da nova patologia era mais evidente. Mas o paradigma do indiciário tal qual definido por Ginzburg incita pelo menos mais uma reflexão pertinente para o presente texto. Uma das coisas que mais chama a atenção em *Vícios Sociaes Elegantes* é a seletividade das pistas, indícios notados pelos médicos, bem como as conclusões que os autores tiram desses sinais. Há um direcionamento específico do olhar deles, tanto para definir o que é relevante na conduta do suspeito, quanto para desenvolver conclusões a respeito. Ao produzirem uma narrativa sobre as toxicomanias que afligem a sociedade brasileira, os médicos produziam também uma história e um significado sobre as patologias, os usos das substâncias e essas conclusões têm a ver com os indícios, é claro, mas também com uma série de concepções prévias daqueles profissionais e intenções políticas naquele momento de emergente criminalização dos tóxicos. Para entender algumas intenções por trás da concepção elaborada por eles é necessário retomar um pouco da estrutura da obra.

Botelho e Pernambuco Filho iniciavam o livro discorrendo sobre a busca do homem por sensações estranhas, êxtase e volúpia. Contavam sobre os antigos usos do ópio, do haxixe e da coca,

¹² PERNAMBUCO FILHO, Pedro José de Oliveira; BOTELHO, Aauto. op. cit. p. 52.



concluindo que o vício era tão velho quanto a própria humanidade que, insatisfeita com o mundo que a cerca, vivia em busca de um ideal irrealizável, da euforia e das sensações mórbidas. O alarde dos médicos não se referia à existência desses usos, mas com ao fato desses vícios terem saído dos seus lugares de origem e estarem se “espalhando pelo mundo”, o que no discurso deles era sinônimo de disseminação pela Europa e Brasil. O ópio havia invadido a França e a Inglaterra como punição aos ingleses pelo comércio imoral através do qual forneciam aos “filhos do império celeste” a maior parte do tóxico que consumiam.

A “farinha do diabo” descera de seu tradicional refúgio em Montmartre e ganhara o mundo de maneira muito rápida, pois eles estimavam que até 1912 “o alcaloide da coca não era conhecida em nosso meio como vício”.¹³ Os autores faziam uma diferenciação entre os toxicômanos “acidentais” e os “constitucionais”, defendendo a ideia de que os primeiros significavam uma parcela ínfima do total, pois era necessário um estado cerebral especial para que a pessoa se deixasse dominar por completo pelo tóxico. Segundo eles, o exame da vida anterior dos toxicômanos havia mostrado que a maioria absoluta deles apresentava uma tendência mórbida para erros, como se estivessem eternamente insatisfeitos.

Os maus exemplos, as sugestões da moda e a influência do “snobismo” faziam com que muitos cedessem à tentação de experimentar, mas para o bem da humanidade nem todos ficavam presos às “decantadas e falsas alegrias do vício”. Para outros, no entanto, bastava que fossem iniciados para que nunca mais conseguissem se livrar da “droga nefasta”. Essa constatação reforçava a ideia de que era necessária uma “quimiotaxia positiva” para o veneno, uma espécie de predisposição natural do indivíduo para que ele se tornasse um viciado. Todos os argumentos confluíam para que médicos defendessem que os toxicômanos formavam uma verdadeira “raça intelectual” à parte, psiquicamente degenerada e moralmente degradada.¹⁴

Os médicos passavam a expor um estudo dos “vícios elegantes” mais frequentes, a começar pela cocaína que consideravam ser o veneno mais espalhado de todos. Em seguida descrevia os hábitos de consumo do éter, em franca decadência, mas ainda presente entre brasileiros. O vício da diamba, de origem africana, ainda era desconhecido nos centros urbanos, mas vinha invadindo de maneira assustadora o interior e os Estados do norte do Brasil. Por fim, expunham as questões que envolviam o ópio e seus derivados, principalmente a morfina e a heroína. Em todos os capítulos os psiquiatras descreviam hábitos de consumo, ambientes de circulação e, detalhadamente,

¹³ PERNAMBUCO FILHO, Pedro José de Oliveira; BOTELHO, Adauto. op. cit. p. 13.

¹⁴Idem. p. 22.



comportamentos, características físicas e psicológicas comuns aos toxicômanos.

Vicios Sociaes Elegantes era um verdadeiro manual explicativo sobre o que os médicos definiram como aspectos típicos dessa nova classe de degenerados. O livro expunha as formas de tratamento adequadas a cada toxicomania e algumas questões relativas à reclusão destes para o tratamento baseadas na prática que seus autores haviam adquirido naqueles anos. Todo cuidado era necessário a fim de obter resultados seguros que permitissem vencer essa “luta das mais necessárias em benefício do futuro da raça”.¹⁵

Pressupondo o ímpeto criminoso dos toxicômanos, os médicos passavam a discutir sua responsabilidade médico-legal em relação às diferentes substâncias e graus de intoxicação. Concluía que, de maneira geral, os toxicômanos tinham responsabilidade legal atenuada e que, em período de plena intoxicação, aqueles viciados em substâncias excitantes como a cocaína eram mais propensos à criminalidade, o que não acontecia com intoxicados pelos venenos estupefacientes como os opiáceos. Já nos períodos de falta, todos eles e, sobretudo os habituados ao ópio e seus derivados, agiam insanamente procurando satisfazer as exigências do organismo. Os viciados se apresentavam como um perigo ao meio e a sociedade devido aos atos delituosos que poderiam praticar e também pelo potencial de “contaminar os outros”. Para a boa profilaxia das toxicomanias, os médicos defendiam que era indispensável o estabelecimento e cumprimento de leis vigorosas que pudessem garantir a fiscalização e a punição dos toxicômanos, bem como a repressão ao comércio das substâncias perigosas.

Urge, pois que a luta contra esta plêiade de insanos que cresce dia a dia, seja tenaz e sem esmorecimento, em bem da eugenia e sobretudo no que nos diz respeito, para que não assistamos de braços cruzados à degeneração de nossa raça.¹⁶

Reforçava-se a relação entre a medicina científica e a repressão aos tóxicos. Em defesa da raça, os médicos colocavam o estudo sobre os sintomas causados pelos tóxicos “nesses infelizes” em função da campanha iniciada internacionalmente contra a expansão dos vícios e “os perversos que a troco de boa paga, se encarregam de espalhar a miséria, a degradação, entre as vítimas de tais drogas”.¹⁷

O livro deve ser lido em um momento de crescente legitimação social e política de um pensamento científico que colocava assuntos de biologia e natureza à frente de argumentos políticos.

¹⁵Idem.p. 115.

¹⁶Idem.p. 14.

¹⁷Idem. Ibidem.



Esse pensamento já bastante difundido socialmente partia de diferenças descritas como raciais e sexuais para legitimar e justificar a manutenção das desigualdades e hierarquias sociais. O contexto social envolvia o crescimento do reconhecimento do pensamento higienista que dava liberdade para que os profissionais ligados a essa área pudessem intervir nas políticas públicas.

Os autores do *Vícios Sociais Elegantes* se mostravam empenhados em interferir em favor de um acirramento da repressão aos tóxicos e propunham medidas que extrapolavam os limites do tratamento aos toxicômanos, envolvendo até mesmo a punição dos “vendedores da morte”. Esse raciocínio fazia com que toda a obra fosse marcada pelas propostas públicas repressivas com direito a um capítulo inteiro sobre a repressão policial.

Uma vez reveladas algumas motivações dos médicos autores é necessário voltar rapidamente para se despedir de Ginzburg explicitando que mais uma vez o método indiciário se fez presente, só que agora da parte do historiador. A narrativa dos médicos fala sobre as próprias concepções da classe médica a respeito não apenas da problemática sobre os tóxicos e os toxicômanos, como de uma série de outras questões sociais que eles consideravam pertinentes. Ao escreverem com o intuito de alertar a sociedade sobre os problemas das toxicomanias e sobre como identificar os viciados, Pernambuco Filho e Adauto Botelho inevitavelmente deixaram para trás indícios sobre suas motivações e formas de pensar, pistas essas que não poderiam passar despercebidas aos historiadores sedentos pela realidade opaca do passado.